

Dez mandamentos para uma psicanálise trágica

Alfredo Naffah Neto

Elaborando à sombra de Nietzsche a articulação entre psicanálise e filosofia trágica, este artigo sugere dez princípios teórico-práticos que, conformemente ao dionisismo constitutivo do trágico, tomam a forma de “mandamentos”.

Os mandamentos abaixo transcritos são uma tentativa de exprimir – sob a forma de prescrições – as diretrizes básicas para uma *psicanálise trágica*, tal qual a tenho concebido e praticado, nos últimos anos.

Entretanto, a muitos pode parecer estranha – se não aleatória ou mesmo arbitrária – esta tentativa de juntar *psicanálise e tragédia*, especialmente quando escolho como interpretação privilegiada do trágico, a filosofia de Friedrich Nietzsche. Pode-se perguntar qual é o sentido de buscar ressonâncias entre uma tradição eminentemente clínica, como a psicanálise – cujas ferramentas teóricas vêm sendo avaliadas e transformadas pelos impasses oriundos da prática, ao longo de um século – e uma filosofia polêmica, do final do século XIX. Ou mesmo ponderar se essa escolha já não implica, de cara, despotencializar esse cuidadoso trabalho de dupla vertente entre clínica e teoria, nutrido ao longo dos anos, pela intromissão de uma *filosofia* e – o que é ainda pior – de uma filosofia estranha à psicanálise.

Entretanto, conforme já disse em outra ocasião, essa suposta exterioridade entre o pensamento de Freud e o

de Nietzsche é, no mínimo, controversa. “Embora os escritos de Nietzsche e de Freud sejam rigorosamente consecutivos, no sentido cronológico do termo, e os de Nietzsche já estejam bastante difundidos no fim do século XIX e começo do XX, Paul-Laurent Assoun aceita a tese de que Freud não tenha lido quase nada de Nietzsche, baseando-se em declarações do próprio criador da psicanálise¹. Já Ronald Leher² afirma existirem evidências históricas de que Freud conhecia os escritos mais antigos de Nietzsche e que, em 1908, teria discutido seções da *Genealogia da Moral* e de *Ecce Homo* com membros da Sociedade de Psicanálise de Viena. Chega a perguntar-se, inclusive, se as leituras de Freud não teriam ido mais longe, dada a grande coincidência entre as idéias básicas de ambos os autores. De fato, uma dívida teórica de Freud para com Nietzsche é afirmada por psicanalistas importantes como Ernest Jones

Alfredo Naffah Neto é psicanalista, mestre em Filosofia pela USP, doutor em Psicologia e Professor Titular pela PUC-SP, autor de vários artigos e livros, sendo o mais recente: *Ouvir Wagner – Ecos Nietzscheanos* (em colaboração com Yara B. Caznók), São Paulo, Musa, 2000.

e Didier Anzieu. Jones enfatizando a correspondência entre o *super-ego freudiano* e a formação da *má-consciência*, descrita por Nietzsche; Anzieu dizendo que Nietzsche já descrevera anteriormente a *repressão* sob o nome de *inibição*, o *super-ego* e os *sentimentos de culpa* sob a forma de *ressentimento*, *má-consciência* e *falsa moralidade*, além de ter antecipado vários outros proces-

e da insistência do princípio do prazer em predominar indefinidamente. O seu Zaratustra diz: 'A dor grita: vai! Mas o prazer quer eternidade, pura, profundamente eternidade'"⁵.

Uma outra vertente, paralela a esta, mas igualmente controversa é a relação entre a psicanálise e *arte trágica* propriamente dita. A referência de Freud a *Édipo-Rei* de

agente – causa e fonte dos seus atos – ora como alguém que é movido de fora, por uma força que o ultrapassa e o arrasta, também o homem pós-freudiano aprendeu a se reconhecer numa eterna tensão entre *consciência* e *inconsciente*. Esta *tensão* e *ambigüidade* – que fazem o sujeito oscilar entre uma *identidade* inconstante e a *alteridade* mais radical – haviam sido dissimuladas pela filosofia platônica e assim permanecido ao longo de toda a modernidade. Foi Freud – seguindo as pistas de Schopenhauer e Nietzsche – quem as veio trazer à tona novamente.

Essas razões já bastariam para justificar a decisão de buscar ressonâncias entre *psicanálise* e *tragédia* e de assumir, como intérprete privilegiado do trágico, a filosofia de Nietzsche. Entretanto, se elas me motivaram a essa tarefa, num primeiro momento, é, sem dúvida, a fecundidade da proposta no âmbito da prática clínica que me tem feito prosseguir nessa direção. Percebo, cada vez mais, o quanto ela potencializa e afia as ferramentas psicanalíticas, possibilitando um acesso mais fácil às múltiplas facetas, contradições e lutas internas que definem a subjetividade contemporânea.

Proposta metodológica básica:

Respeitar os respectivos campos de produção e de estudo (*Psicanálise* e *Arte trágica*), sem querer reduzir um ao outro; buscar as ressonâncias mútuas entre os dois campos e, somente a partir delas, construir um terceiro que articule e dê forma a esses cruzamentos de sentidos. Utilizar Freud e Nietzsche como intérpretes privilegiados dos dois campos originários incluindo, entretanto, outros autores que possam enriquecê-los com sua produção teórica (Ferenczi, Klein, Bion, Winnicott, Ogden, Vernant, Vidal-Naquet, Detienne, entre

Ninguém mais do que Nietzsche se apercebeu dos motivos duais da conduta humana, e da insistência do princípio do prazer em predominar indefinidamente. O seu Zaratustra diz: "a dor grita: vai!"

... e conceitos"³. O psicanalista americano Daniel Chapelle vai ainda mais longe, ao sugerir e desenvolver o argumento de que a noção nietzschiana de *eterno-retorno* só encontra seu fundamento real na dinâmica descrita por Freud como *compulsão à repetição*, seja no *sin-toma neurótico*, seja na *transferência*⁴. Discutível? Certamente, como tudo o que cerca essa suposta relação entre os dois pensadores.

Entretanto, não se pode desconsiderar que foi o próprio Freud quem afirmou, numa entrevista: "Nietzsche foi um dos primeiros psicanalistas. É surpreendente até que ponto a sua intuição prenuncia as novas descobertas. Ninguém se apercebeu mais profundamente dos motivos duais da conduta humana,

Sófocles é conhecida por todos, bem como toda a controvérsia que veio cercar a noção de *complexo de Édipo*, mais recentemente, e a torná-la uma noção muito pouco trágica, principalmente pelo nível de reducionismo interpretativo a que veio se prestar, muito pouco consoante com o espírito trágico, cuja característica maior é a *tensão* e *ambigüidade* de sentido. Mas, para além desta referência direta, há de se considerar que o descentramento do sujeito moderno operado pela noção psicanalítica de *inconsciente* veio, de alguma forma, recriar algo comparável à fragilidade do *herói-trágico*, eternamente dividido entre *êthos* e *daímôn*, o caráter e a potência divina⁶. Ou seja, tal qual o herói-trágico que aparece, ora como

outros). Dessa postura básica decorre a construção da psicanálise trágica e dos seus mandamentos, abaixo descritos.

1º mandamento

Escutar com o corpo inteiro. Se a psicanálise define-se, primordialmente, como arte da escuta, a filosofia trágica, por sua vez, ensina-nos a escutar dionisiacamente, através da intensificação de todos os sentidos corporais. É preciso, pois, escutar o discurso do analisando não só com os ouvidos, mas com o corpo inteiro, tal qual se escuta uma música. “Quando ouço uma música, (...) se me abandono aos seus encantos, sou literalmente tomado e possuído pelos seus sons e todo o turbilhão de afetos e de imagens que pululam no mesmo movimento. (...) Naquele momento – que pode durar uma eternidade – sou aquela música corporificada: ela habita meu corpo, flui no meu sangue, pulsa nas minhas veias...”⁷. Isso não quer dizer, entretanto, que a escuta analítica não envolva distanciamento; ela consiste justamente no paradoxo de um *envolvimento distanciado*, comportando inclusive *clivagens funcionais* na personalidade do analista: uma parte disponível para acolher e dar forma às identificações projetivas e deslocamentos transferenciais do analisando, outra distanciada e livre para que o enredamento necessário não impeça o pensamento e que se possa processar uma análise.

Um fragmento clínico, que usei recentemente num outro escrito, pode ilustrar o que quero dizer com a expressão: *escutar com o corpo inteiro*. “Maria é uma paciente que está em análise comigo há cerca de dois anos e meio. Na sessão em questão, ela me conta um sonho: está numa praia e, de repente, o mar invade a areia e a arrasta. São ondas enormes, de água barrenta, que ela associa mais com rio do que com

mar mas, apesar disso, trata-se de mar. O mais surpreendente, ela diz, é que, ao ser envolvida por aquelas águas bravias, sente-se imobilizada, fica com medo de se afogar mas não se afoga. O sonho termina aí e as associações de Maria não acrescentam muito: sobre mar, ela diz apenas que gosta de mar e que, nas férias, costuma procurar cidades de praia; sobre rio, conta que quando criança, havia um rio de águas barrentas na cidade do interior de São Paulo, onde morava. E as associações param aí. O clima afetivo do relato é calmo, tranqüilo, compassado, em contraste com a temática do sonho. Eu a escuto, de olhos fechados, enquanto manuseio uma laranja de borracha que fica sobre a mesa ao lado. De início, costumava manusear essa laranja, durante algumas sessões, como forma de fazer exercícios com a mão; posteriormente, comecei a usar esse ma-

de. Mergulho nas sensações e vem um ódio imenso, um ímpeto agressivo: vontade de espremer a laranja, de lançá-la na parede, com toda a força. E sei, com toda a convicção que esses afetos não são meus, ou melhor, eles ocorrem em mim, mas num corpo emprestado à deposição transferencial. Então resolvo interpretar, dizendo a Maria que é possível que o seu sonho fale de momentos em que se vê invadida por muito ódio e agressividade e tenta reprimi-los, imobilizá-los. Ela me ouve e lembra-se de outro sonho, esquecido, no qual era atacada por um bicho enorme, do tamanho de um leão, uma espécie de monstro, de dentes muito aguçados. E, no momento em que era mordida, ela mesma tornava-se o bicho. A partir daí, vem à baila uma agressividade reprimida, que Maria vive sob a forma de dores musculares, câimbras”⁸.

Para poder realizar esse tipo de escuta, é preciso impregná-la com o espírito da música. Como Nietzsche dizia: “não ter dúvidas quanto às sílabas ritmicamente decisivas!”

nuseio como forma de expressar corporalmente, para mim mesmo, o clima afetivo emergente. Ao longo do relato de Maria, o que acontece é que sou tomado por sensações estranhas: uma vontade incontável de jogar a laranja na pare-

Para poder realizar esse tipo de escuta, é preciso impregná-la com o espírito da música. Como Nietzsche dizia: “...não ter dúvidas quanto às sílabas ritmicamente decisivas, (...) prestar ouvidos sutis e pacientes a todo *staccato*, todo

rubato, atinar com o sentido da sequência de vogais e ditongos, e o modo rico e delicado como se pode colorir e variar de cor em sucessão...”⁹. Ou seja, é preciso aprender a escutar com o *terceiro ouvido*, que é, eminentemente, um *ouvido musical*, deixando-se atravessar por aquilo que poderíamos descrever como a *estrutura rítmico-melódica* do discurso, seu *fundo afetivo*.

2º mandamento

Debruçar-se sobre o invisível/indizível da experiência humana. É preciso tomar como exemplo Édipo e suas transmutações, através das duas tragédias sofocleanas: *Édipo-Rei* e *Édipo em Colono*. Cego às *forças invisíveis* do destino durante toda a primeira etapa de sua vida (a de príncipe de Corinto e a de rei tebano), foi preciso que fusesse os olhos para que, da escuridão, aprendesse a considerá-las, saindo das meras evidências, para se tornar um vidente. Édipo ofuscado pelo visível, Édipo onipotentemente clarividente, Édipo cego pela luz e – num segundo tempo – Édipo mergulhado na sombra, Édipo humildemente guiado por Antígona, Édipo aprendendo a ler o invisível/indizível da vida e tornando-se um sábio¹⁰. Trajetória que tem tudo a ver com o processo psicanalítico, a começar pelo uso do divã, que suspende a visão ordinária e seus referenciais, criando um vazio potencializador.

É fato que o divã, como instrumento psicanalítico, vem sendo pouco valorizado nos últimos tempos, como se o seu uso fosse sinônimo de rigidez técnica, desnecessária e inoportuna. Por essa razão, convém lembrarmos que o ato de suspender a *visão intersubjetiva* no processo de análise tem um sentido muito preciso: o de pôr fora do circuito da relação analista-analisando aquele que é o órgão sensorial dominante no mundo ocidental,

com todos os códigos de etiqueta e de controle social que ele encarna. Olhar e ser olhado, no contexto analítico, significa – grande parte das vezes – *vigiar com os olhos*, velar para que nada de *diferente* aconteça e possa ameaçar a “segurança” reinante, ou seja, uma forma de se defender da angústia frente ao desconhecido através da tentativa de controlá-lo. Esta é a razão pela qual analisando que se sentem muito perseguidos geralmente não conseguem deitar no divã. São, geralmente, subjetividades esquizóides, fronteiriças, ou mesmo psicóticas, que necessitam do olhar do analista como fonte de referência, para não se sentirem soltas, perdidas, ameaçadas. Porém – salvaguardados esses casos específicos em que o uso do divã possa não ser recomendado – a sua utilidade é incontestável. Além de possibilitar um maior conforto para a dupla analista-analisando, pela suspensão do controle social mútuo, cria melhores con-

Mas, além de criar acesso para o *invisível*, o contexto psicanalítico necessita, também, abrir caminho para o *indizível* que o discurso verbal comporta. Isso se processa pela forma de escuta, que procura captar os *inter-ditos* do discurso, aquilo que se diz nos poros expressivos da fala, nos vazios silenciosos que a sustentam e articulam enquanto tal. Pois é esse ato de acessar o *invisível/indizível* da experiência humana que dá acesso ao grande *estrangeiro*, a *alteridade maior* que nos atravessa e constitui. Não importa se, como Nietzsche, a chamamos de *Dioniso* ou se, a partir de Freud, a denominamos *inconsciente* (pois, ainda que estes conceitos não sejam equivalentes, eles ocupam lugares homólogos nas respectivas teorias). O importante, é que se trata da abertura àquele conjunto de marcas *invisíveis/indizíveis*, talhadas no nosso corpo e no nosso espírito pelas vicissitudes de nossa história – nossas marcas *distinti-*

Pois é o ato de acessar o invisível/indizível da experiência humana que dá acesso ao grande estrangeiro, à alteridade maior que nos atravessa e constitui.

dições para que ambos possam mergulhar no *desconhecido que os atravessa*, nessa dimensão da realidade subjetiva e intersubjetiva que compreende o *invisível*. Favorece, por essa via, tanto a *atenção equifluante* quanto a *associação livre*.

vas que são, para o registro das representações inconscientes, sempre *estrangeiras, intraduzíveis* – e dobradas e ecoadas através de múltiplas construções semióticas em constante transformação (através da *condensação* e do *deslocamento*).

Usina metamorfoseante que – no seu contínuo *tornar-se* – dá origem à nossa subjetividade. Esse acesso desdobra a experiência humana do âmbito do mundo visível/dizível, diretamente acessível ao senso comum e à consciência, para o das *dinâmicas invisíveis/indizíveis* do *inconsciente*.

3º mandamento

Acolher a dor e o sofrimento como partes integrantes da vida, tanto quanto o prazer e a alegria.

“O que a cultura trágica nos ensina de mais precioso é a *aceitação da vida*, em todos os seus aspectos: do mais claro ao mais sombrio, do mais prazeroso ao mais eivado de dor. O herói trágico aprende, a duras penas, a aceitação do destino como a única forma de poder transcendê-lo”¹¹. O psicanalista, por sua vez, forma-se ao desenvolver a sua capacidade de *acolhimento*. É preciso, pois, aprender a acolher a dor e o sofrimento do analisando (tanto quanto o seu prazer e a sua alegria), sem querer disfarçá-los ou minimizá-los. A psicanálise trágica exige certa dose de crueldade, uma crueldade sadia, avessa à piedade. É preciso aprender com Wotan, o herói trágico wagneriano (e suas transmutações, através dos quatro dramas musicais que compõem o *Anel dos Nibelungos*) a afirmar a dor como forma de afirmar a vida em toda a sua plenitude¹². Toda vez que um analisando tenta se furtar à dor, por não suportá-la, acaba produzindo disfarces às questões fundamentais que o acossam, seja deslocando-as para questões menos importantes, seja tentando seduzir o analista à piedade e à complacência. Ou, na vertente oposta, anestesiando-se e representando o papel do inatacável, inquebrantável, invencível. Não cabe aí tentar forçar uma passagem prematura da dor pela couraça defensiva: a paciência é uma das grandes armas da psicanálise. Mas não

cabe tampouco deixar-se seduzir pelo pedido de clemência ou pela indiferença simulada. É preciso aguardar que a dor possa se fazer experiência viva. Nietzsche dizia, a esse respeito: “A disciplina do sofrer, do *grande sofrer* – não sabem vocês que até agora foi essa disciplina que criou toda excelência hu-

envolver no processo psicanalítico, aprendendo a lidar com a culpa geralmente associada a eles. Apesar de toda a liberação sexual dos anos 70 e do afrouxamento das pulsões agressivas que se seguiu – ou quiçá por causa deles – o *sentimento de culpa* e a *má consciência* permanecem muito pouco elaborados, escondidos e disfarçados numa dobra qualquer de nossas almas, aquela que normalmente guarda as marcas de nossa educação.

4º mandamento

Interpretar os movimentos de construção e de destruição como partes do mesmo devir criador. Isso significa considerar a morte como parte integrante da vida ou, em outros termos, que a vida é feita de movimentos de morte e renascimento contínuos e concomitantes (partes nossas que morrem e outras que nascem, *ao mesmo tempo*): Dioniso despedaçado e eternamente renascido em cada um de nós.

Nesse sentido, é preciso manter em constante crítica a nossa tendência cristã de sempre querer *consertar* a vida. Nunca sabemos se um casamento ou uma profissão em crise, de um analisando, necessitam ser reparados, transformados ou meramente desfeitos, em prol do seu crescimento psíquico. Tampouco ele sabe, quando vem nos procurar. É preciso, pois, manter um distanciamento capaz de acolher os acontecimentos, sem tomar partido por nenhum deles, permitindo que a vida seja absolutamente soberana nas suas escolhas, sejam elas de construção ou de destruição. Mais do que isso, é preciso mapear os movimentos de construção concomitantes aos de destruição e vice-versa, como as duas faces *necessárias do mesmo devir*.

Entretanto, acolher os movimentos vitais de destruição não significa, em hipótese alguma, uma aceitação ilimitada ou uma neutra-

É preciso,
pois, aprender a acolher
a dor e o sofrimento
do analisando
(tanto quanto o seu
prazer e a sua alegria),
sem querer
disfarçá-los
ou minimizá-los.

mana? A tensão da alma na infelicidade, que lhe cultiva a força, seu temor ao contemplar a grande ruína, sua inventividade e valentia no suportar, persistir, interpretar, utilizar a desventura, e o que só então lhe foi dado de mistério, profundidade, espírito, máscara, astúcia, grandeza – não lhe foi dado em meio ao sofrimento, sob a disciplina do grande sofrimento?”¹³

Mas, permitir-se viver e degustar os prazeres da vida é também uma experiência fundamental, que muitos analisandos necessitam de-

lidade destituída de *ética*. A ética tem por função, justamente, guiarnos na distinção entre o que é saudável e o que é doentio. As atividades de um torturador, por exemplo – embora mereçam tanta análise quanto qualquer outra – não são defensáveis, eticamente falando, sob qualquer perspectiva de valores. Quando a destrutividade tem que ser exercida sobre outrem – salvo em situações de auto-defesa – isso é geralmente sinal de identificações projetivas de cunho psicótico: alguém é culpabilizado e imolado para que o agressor se livre de alguma parte de si próprio que não pode tolerar. A dor, o sofrimento ou a culpa são, então, evitados pela criação de um bode expiatório. Nesse sentido, convém lembrar que a neutralidade silenciosa de um psicanalista diante de atos que estejam destruindo outras vidas será tão criminosa quanto os atos em questão, em função da cumplicidade implicada.

Não confundir, portanto, alhos com bugalhos.

5º mandamento

Considerar a relação psicanalítica como uma “solidão a dois”, onde cada um aprofunda e expande a capacidade de habitar a si próprio. É fundamental que o diálogo analítico seja a oportunidade de o analisando e o analista escutarem a si próprios, ou seja, que essa *presença humana*, esse *testemunho*, possa servir para cada qual mergulhar na sua solidão e dela resgatar uma potência singularizante. Segundo Winnicott, é o *respeito e acolhimento às singularidades próprias* que podem tornar a relação analítica potente – na qualidade de *gesto humano* – para abrir portas a regiões ainda não habitadas do nosso ser, trabalhando na (re)construção do *self* (si próprio). Independentemente da posição que cada integrante ocupa nessa relação (que, evidentemente, não é simétrica), a função

dela é sempre expandir essa capacidade de *habitar a si próprio, tornar-se aquilo que se é* (na expressão de Nietzsche).

6º mandamento

Pensar as geografias singulares que compõem o fora e o dentro, o exterior e o interior, o mundo e a subjetividade como construções operadas por forças-afetivas e suas potências interpretantes. Nietzsche dizia: “Não, justamente não há fa-

advém o sentido do fora: é um mundo odioso e odiento (persecutório) que se abre diante de nós (delineado por nossas identificações projetivas). Quando este afeto se transmuta, é o sentido do mundo que também se transforma. “*Fora e dentro* participam, pois, da mesma substância, o *dentro* constituindo-se como uma *envergadura* do *fora*, o *fora* como uma multiplicidade de perfis projetados de *dentro*. (...) Essa mútua constituição é o que atesta (...) a minha existência como *devir mundano*, a existência do

Considero a relação psicanalítica como uma “solidão a dois”, onde cada um aprofunda e expande a capacidade de habitar a si próprio.

tos, somente interpretações. Nós não podemos constatar nenhum *factum* ‘em si’: talvez seja um contra-senso querer esse gênero de coisa. (...) São nossas necessidades que *interpretam* o mundo: nossos instintos, o seu pró e o seu contra...”¹⁴. Ou, em outro fragmento: “Não é necessário perguntar: ‘*quem*, então, interpreta?’; ao contrário, o interpretar, em si próprio, como forma de vontade de potência existe (não, entretanto, enquanto ‘ser’, mas enquanto *processo, devir*) como afeto (afeição)”¹⁵. Freud e Klein, por sua vez, nos ensinaram algo do mesmo gênero: que quando estamos atravessados por um afeto – o ódio, por exemplo – é desse afeto que

mundo como *devir subjetivo: eu-n’outro/outr’em-mim*, sacos da mesma farinha, pães do mesmo trigo”¹⁶.

Assumir essa interpretação de mundo significa, por sua vez, admitir que a psicanálise não se deve pretender, em hipótese alguma, uma experiência *corretiva*, destinada a reparar percepções distorcidas da realidade, pois não existe um suposto “mundo objetivo” a ser percebido corretamente, mesmo no caso dos psicóticos. A idéia de uma *realidade última* remete sempre e invariavelmente à idéia de um absoluto – Deus ou qualquer outro – que possa dar testemunho dela.

Isso não quer dizer, entretanto, que não existam interpretações de

mundo *mais* ricas, abarcando *mais* aspectos da realidade do que outras. Não há aí nenhum contra-senso: trata-se, isso sim, do nível em que cada ser humano consegue distinguir fantasia de realidade, passado de presente, memória de percepção. É bastante freqüente, na dinâmica neurótica, um funcionamento constante e ininterrupto do *processo primário* (alucinação do desejo), operando como um filtro na percepção da realidade e só permitindo que cheguem à consciência aqueles aspectos da mesma compatíveis com o gozo *alucinatório*. Com o amadurecimento psíquico, na medida em que vai sendo possível acolher aspectos da experiência produtores de desprazer, dor, esse funcionamento ininterrupto do processo primário vai se tornando cada vez mais desnecessário. Isso, sem dúvida, amplia o contato com a realidade, abrindo para aspectos antes inacessíveis e tornando a experiência cada vez mais rica e nuançada.

O processo psicanalítico tem, pois, por tarefa, *expandir* a gama de experiências afetivas efetivamente experimentáveis e toleráveis, desalojando e transformando os afetos dominantes que monopolizam as interpretações de mundo e mantêm suas paisagens congeladas numa tônica vivencial invariável.

7º mandamento

*“A terapêutica psicanalítica consiste fundamentalmente num processo de favorecer ao sujeito a criação/ampliação de uma envergadura interior, capaz de acolher, digerir e transmutar os afetos/interpretações para os quais ele, normalmente, não dispõe de enzimas psicanalíticas”*¹⁷. Às vezes, não somos capazes de digerir certas experiências vitais, por não dispormos de *enzimas psicanalíticas* para elas. Esse conceito foi criado por mim, inspirado na metáfora da *digestão* utilizada por Nietzsche e retomada

posteriormente por Bion no campo da psicanálise. Por *enzimas psicanalíticas* designo chaves afetivo-simbólicas necessárias para que a experiência seja decodificada, digerida e decomposta, sendo assimilada na sua parte nutritiva à vida e expelida nos seus resíduos tóxicos. O adjetivo *psicanalítica* aparece aí como referência simultânea ao campo onde a *enzima* opera (campo psíquico) e ao processo de decomposição (análise) que designa a sua operação básica.

A ausência de enzimas psicanalíticas no sujeito provoca a paralisção das experiências (em questão) num circuito energético, produzindo enquistamento traumático (*recalque da representação*, segundo designação de Freud) e dinâmica de *ressentimento* (dispepsia do sentimento/afeto, segundo designação de Nietzsche). Em casos extremos – no bebê em estágio de total imaturidade – a experiência indigesta, traumática, pode gerar uma

enzimas analíticas para que a experiência em questão seja decodificada e digerida. Mas nós adultos também somos freqüentemente afetados por experiências que, seja pelo inesperado da situação, seja pela violência do impacto afetivo produzido em nós, fazem-nos ecoar um “não” em direção a elas. Essa negação impede, então, que essas experiências sejam digeridas e incorporadas pelo nosso espírito, podendo vir a ganhar alguma forma consciente. A gradativa expansão de nossa *envergadura interior*¹⁹ significa, pois, um aumento da capacidade de dizer “sim” à vida, em todas as suas manifestações. Como dizia Fernando Pessoa: “Tudo vale a pena, se a alma não é pequena”.

8º mandamento

O psicanalista deve procurar criar um sem-número de vozes diferentes para dar forma aos diferen-

O processo psicanalítico tem por tarefa expandir a gama de experiências afetivas efetivamente experimentáveis e toleráveis, desalojando e transformando os afetos dominantes que monopolizam as interpretações de mundo.

falência da *confiabilidade* no mundo, produzindo defesas psicóticas contra as *agonias impensáveis* (Winnicott)¹⁸.

A criança que é molestada sexualmente pelo adulto constitui o exemplo clássico dessa falta de

tes sentidos (interpretações) que emergem via transferência-contratransferência. O analista deve recriar o seu método frente à singularidade de cada analisando e de cada sessão, possuindo suficiente jogo de cintura para inventar dife-

rentes formas de interpretação. Interpretar pode, algumas vezes, implicar um silêncio, outras, um jogo de sentido bem humorado (capaz de produzir o riso), outras ainda, uma síntese de sentido verbalmente construída. Embora não tendo que encarnar um personagem (como no teatro ou na ópera), o psicanalista trágico tem muito a aprender com cantoras do porte da Maria Callas. “O que define o estilo *trágico* é uma postura singular do artista diante do mundo. Sempre que ele abrir o seu corpo (e, conseqüentemente, o seu espírito) para que forças tempestuosas, constitutivas do mundo tomem forma; sempre que, por esse mesmo movimento, ele conseguir encarnar o *pólemos* dessas forças, em suas múltiplas configurações, podendo acolher desde os deuses mais etéreos até as entidades mais sepulcrais; por fim, sempre que ele conseguir dar a tudo isso uma forma estética, estará recriando a *arte trágica*. Callas tinha esse dom”. O que define o seu gênio é... “a capacidade de *transmutar-se* em obra de arte, compondo-a com seu sangue, sua carne, seu coração, suas vísceras. Por essa razão, nenhuma outra foi chamada de *La Divina*”²⁰. O psicanalista trágico tem, de forma análoga, de desenvolver o seu trabalho a partir de suas vísceras, oferecendo o seu corpo (e, a partir dele, a sua mente) à afetação transferencial e necessitando destilar, da contratransferência, os fluidos dessa afetação, criando um sem-número de vozes para interpretá-los. Felizmente, isso não pressupõe que seja um gênio, do porte de Maria Callas; apenas que se desenvolva suficientemente como ser humano.

9º mandamento

Cabe ao analista manter a atenção equi-flutuante e ser capaz de perambular por diferentes lugares e metamorfosear-se em diferen-

tes outros (acolbendo as identificações projetivas do analisando), sem medo de se perder de si próprio. Para poder atender às demandas da escuta analítica, é necessário que o analista possa encarnar Dioniso-viajante, perambulando pelos diferentes lugares onde o conduz o discurso do analisando e metamorfoseando-se nas inúmeras máscaras do deus, sem medo de se perder de si próprio. Tornar-se devoto de Dioniso é condição para ser psicanalista e poder iniciar o analisando no mesmo “culto”, que se define pela perda do medo da *alteridade*, pelo contato e enriquecimento com o *estrangeiro* que nos atravessa. Pois a fórmula de saúde é: “*Ser si-próprio sendo, ao mesmo tempo, inúmeros outros*”²¹.

10º mandamento

Manter sempre acesa a experiência de participação dionisíaca: cada um de nós é somente um ponto imantado num vasto oceano de forças – que é o mundo (orgânico e inorgânico) – e nos deslocamos, o tempo todo, sobre um abismo, um espaço sem fundo. Lembrar sempre que é *nessa* forma de *pertinência* (e da *experimentação* que dela decorre) que advém a nossa força, a nossa potência. Bion representava esse vazio sem forma, de onde todas as formas advêm, com o signo O. E descrevia o tornar-se si próprio como um *abrir-se às transformações em O*, permitindo humildemente que esse vazio possa se confundir conosco e nos constituir como *vir-a-ser*²². Quando nos esquecemos disso – e aspiramos *controlar a vida* – caímos na onipotência ou – o que é o mesmo – no seu avesso: a impotência. ■

NOTAS

1. Assoun, P.-L. *Freud e Nietzsche – semelhanças e dessemelhanças*, São Paulo, Brasiliense, 1989, primeira parte.
2. Leher, R. *Nietzsche's presence in Freud's life and thought*, Albany, State University of New York Press, 1995, pp. 2-3.
3. Naffah Neto, A. “Nietzsche e a Psicanálise” in *Cadernos Nietzsche*, n. 2, São Paulo, Departamento de Filosofia da USP, p. 42.
4. Chapelle, D. *Nietzsche and Psychoanalysis*, Albany, State University of New York Press, 1993, parte II.
5. Freud, S. “O valor da vida”, *Revista Ide*, n. 15: 54-8, São Paulo, Sociedade Brasileira de Psicanálise, 1988, p. 57.
6. Vernant, J.P. & Vidal-Naquet, P. “Esboços de vontade na tragédia grega” in *Mito e Tragédia na Grécia Antiga*, São Paulo, Duas Cidades, 1997.
7. Naffah Neto, A. “Outr'em-mim”, in *Outr'em-mim – Ensaios, Crônicas, Entrevistas*, São Paulo, Plexus, 1998, p. 66.
8. Naffah Neto, A. “O terceiro-analítico e o sem-fundo corporal – um ensaio sobre Thomas Ogden”, *Psicanálise e Universidade*, n. 9 e 10, jul./dez. 1998–jan./jun. 1999, São Paulo, PUC-SP, pp.188-9.
9. Nietzsche, F. *Além do Bem e do Mal*, São Paulo, Companhia das Letras, 1992, aforismo 246, p. 155.
10. Essa trajetória de Édipo nas duas tragédias sofocleas e sua relação com o processo psicanalítico foi explorada por mim no ensaio: “Psicanálise e tragédia – um estudo a partir do Édipo de Sófocles”, in *Outr'em-mim – Ensaios...*, op. cit., pp. 34-52.
11. Naffah Neto, A. “Do psicodrama à psicanálise: o sentido de uma trajetória”, in *Outr'em-mim – Ensaios...*, op. cit., p. 13.
12. Cf., nesse sentido, “O sentido das mortes e transmutações n'O Anel dos Nibelungos – as múltiplas máscaras de Wotan”, in Czarnó, Y. B. & Naffah Neto, A. *Ouvir Wagner – Ecos Nietzscheanos*, São Paulo, Musa, 2000.
13. Nietzsche, F. *Além do Bem e do Mal*, op. cit., aforismo 225, p. 131.
14. Nietzsche, F. Fragmento póstumo 7 [60], *Fragments Postumes, Automne de 1885 - automne de 1887, Oeuvres Philosophiques Complètes*, Paris, Gallimard, 1978.
15. *Idem*, fragmento póstumo 2 [151].
16. Naffah Neto, A. “Outr'em-mim”, op. cit., pp. 70-1.
17. Naffah Neto, A. “Para além da morte o amor”, *Outr'em-mim – Ensaios...*, op. cit., p. 61.
18. A teoria das psicoses no pensamento de D. W. Winnicott constitui um tema bastante complexo, especialmente por se encontrar bastante esparramado e fragmentado em sua obra. Foi assunto da tese de doutorado de Elsa Oliveira Dias, orientada por mim e defendida em 1998 no Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP. Ao leitor interessado, recomendo a leitura da mesma, especialmente do cap. VI (o título da tese é: *A teoria das psicoses em D. W. Winnicott* e ela está disponível na Biblioteca da PUC-SP; também deve sair brevemente em livro, pela Editora Escuta, São Paulo). O grande mérito de Winnicott, nesta questão, ao meu ver, foi realizar uma pesquisa profunda das psicoses e suprir uma insuficiência teórica do pensamento freudiano que o lacanismo tentou, sem grande sucesso, remendar através da noção de *forclusion*.
19. A expressão é de Nietzsche e aparece no Prefácio de 1886, ao primeiro volume de *Humano, Demasiado Humano* (na edição das *Obras Incompletas*, da Editora Abril, 1978, está na p. 88). Em outras edições, às vezes, aparece traduzida, também como *vastidão interior*.
20. Naffah Neto, A. “As trezentas vozes de Maria Callas”, in *Outr'em-mim – Ensaios...*, op. cit., p. 127.
21. Naffah Neto, A. “O Cbeiro da Papaia Verde: a exaltação da vida numa união dionisíaca com a natureza”, *Outr'em-mim – Ensaios...*, op. cit., p. 96.
22. Oriente-me, aqui, pelas interpretações de Luis Cláudio Figueiredo do livro *Transformações de Bion*, em texto ainda não publicado.